

Relato de experiência

Relato de experiência no projeto “Entrelaçados – Palhaçoterapia UPE”

Experience report in the “Entrelaçados “Palhaçoterapia UPE project”

João Victor Moreira¹ orcid.org/0000-0003-4973-9415

André Inocêncio Novaes Lima Filho² orcid.org/0000-0003-0112-3320

Camila Lima Dantas de Magalhães Feitosa² orcid.org/0000-0003-4893-2299

Júlio César Nunes Campos² orcid.org/0000-0001-8051-9264

¹ Mestre, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

² Acadêmico, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

E-mail do autor correspondente: andre.novaes3@hotmail.com

Submissão: 05/04/2021

Aprovação: 24/11/2021

RESUMO

A palhaçoterapia se insere no contexto hospitalar com o intuito de promover o cuidado integrado do paciente durante o processo de internamento. Sabe-se que o conceito de saúde vai além do bem-estar físico, de forma que o âmbito emocional deve também ser considerado no processo de cuidado. Almejando a inserção das técnicas de palhaçaria como um dos pilares da humanização no cuidado com a saúde, nasceu o projeto de extensão “Entrelaçados – Palhaçoterapia UPE”, ligado à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco. No projeto, alunos do curso de medicina são capacitados para atuarem como palhaços nos hospitais parceiros. Este relato se baseia nas experiências dos próprios autores durante as intervenções, no que vivenciaram e colheram do encontro com pacientes, familiares e funcionários dos hospitais. Sendo o ambiente hospitalar muito desafiador e potencial fonte de medo, estresse, ansiedade e angústia para os envolvidos, tem-se como resultados da palhaçoterapia uma prática terapêutica integrativa que propicia a diminuição de sintomas como ansiedade e tristeza, associados ao internamento, e reforça o vínculo entre os pacientes e a equipe de saúde.

Palavras-chave: Palhaçoterapia; Humanização; Cuidado integrado de saúde.

ABSTRACT

Clown therapy is inserted in the hospital context in order to promote integrated patient health care during the hospitalization process. It is known that the concept of health goes beyond physical well-being, so the emotional scope needs to be considered in the care process. Aiming at the insertion of clowning techniques as one of the pillars of humanization in health care, the extension project “Entrelaçados – Palhaçoterapia UPE” was born, linked to the Faculdade de Ciências Médicas of the Universidade de Pernambuco. In this extension project, medical students are trained to act like clowns in the partner hospitals. This report is based on the experiences of the authors themselves during the interventions, on what they experienced and gathered from the meeting with patients, family members, and hospital crew. As the hospital environment is very challenging and a potential source of fear, stress, anxiety, and anguish for those who are involved, the results of clowning clown therapy are an integrative therapeutic practice that reduces symptoms such as anxiety and sadness associated with hospitalization and strengthens the bond between patients and the health team.

Keywords: Clown therapy; Humanization; Integrated health care.

1. INTRODUÇÃO

A palhaçoterapia consiste na integração de técnicas de palhaçaria derivadas da arte circense no contexto do ambiente hospitalar, com o intuito de promover um cuidar atrelado ao conceito ampliado de saúde, que considera o ser

humano em todas as suas multiplicidades, para além apenas do corpo físico.¹ O foco desse modelo terapêutico deixa de ser as queixas encontradas nos prontuários dos pacientes e passa a ser as necessidades subjetivas e não palpáveis de cada um, a fim de promover a melhora de seus

estados mentais e, assim, contribuir para o processo de cura.²⁻³

Historicamente, é provável que a presença da palhaçoterapia no âmbito da saúde exista desde os tempos de Hipócrates, visto que os médicos já acreditavam que um dos pilares para uma recuperação efetiva encontrava no bem-estar emocional.¹ Entretanto, o termo só ganhou força por volta de 1986, quando Michael Christensen criou a Clown Care Unit em Nova Iorque, instituição responsável por realizar inúmeros trabalhos de palhaçoterapia em hospitais novaiorquinos e por surpreender a todos pelos resultados positivos que alcançou.⁴ No Brasil, a prática da palhaçoterapia teve início em 1991, trazida de Nova Iorque por Wellington Nogueira, que trabalhou no Clown Care Unit e aqui fundou os Doutores da Alegria.² Este último, por sua vez, influenciou na formação de diversos outros grupos de palhaçoterapia pelo país, a exemplo do Entrelaçados – Palhaçoterapia UPE, projeto de extensão da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (FCM-UPE).

O Entrelaçados – Palhaçoterapia UPE surgiu em 2007, sendo um dos grupos de palhaçoterapia mais antigos da região Nordeste. O projeto foi idealizado por alunos do curso de medicina da FCM-UPE a fim de promover a humanização no cuidado à saúde por meio da arte da palhaçaria, tendo sua importância baseada na melhoria do suporte emocional no processo de doença dos pacientes, ponto tão importante no conceito ampliado de saúde. Nesse sentido, a palhaçaria, no contexto hospitalar, promove uma maior aceitação da internação e do tratamento proposto, além de minimizar o efeito negativo do imaginário comum acerca do hospital, tido

como um ambiente hostil, cheio de restrições.

Os estudantes que se propõem a participar do projeto contam com oficinas de treinamento acerca do significado do palhaço dentro do ambiente hospitalar com o professor de artes cênicas Rafael Barreiros. Os campos de atuação são os hospitais parceiros ao projeto: Centro de Oncologia do Hospital Universitário Oswaldo Cruz e Pronto Socorro Cardiológico de Pernambuco, nos ambulatórios e enfermarias de adultos, e no Hospital Pediátrico Helena Moura.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Em um período de seis meses, os autores desse relato, que também são participantes do projeto, foram escalados em atuações no Hospital Pediátrico Helena Moura, entre 2018-2019. As atuações do projeto aconteceram, nos três hospitais parceiros, com frequência semanal nesse semestre.

Levando em conta o provável impacto que as atuações têm na experiência de internamento das crianças, assim como na de seus familiares e na dos funcionários, ouvimos os relatos dessas pessoas durante o tempo de internamento desses pacientes. Tais relatos foram colhidos de forma espontânea e aleatória, enquanto aconteciam as atuações. Como havia uma constância dos encontros, por causa da escala fixa, foi possível analisar progressões de falas e opiniões de vários pacientes e de seus familiares, desde a admissão hospitalar até o momento da alta. Também ouvimos relatos da equipe técnica do hospital, composta pelos médicos, enfermeiros, técnicos, auxiliares de serviços gerais, administradores, entre outros.

Assim, a metodologia que os autores deste relato utilizaram nas relações com

os pacientes foi baseada nos princípios apreendidos nas capacitações prévias que cada integrante do projeto vivenciou, como:

1 - Não seguir um roteiro pré-estabelecido, de forma que tudo que será dito ou feito será fruto dos processos ocorridos no momento;

2 - Improvisar;

3 – Lembrar que persona atuante não é o estudante de medicina e integrante do projeto, mas sim a versão "brincante" desse indivíduo. Isso direciona a abordagem que é levada aos pacientes. As atividades vivenciadas nos setores de atuação se baseiam nos princípios da arte circense, com a liberdade de possíveis relações que o encontro permite, como jogos, conversas verbais e não-verbais, danças, encenações, escritas, gestos, entre outras.

No último mês da escala no Helena Moura, fizemos uma ação de doação de brinquedos para a brinquedoteca do hospital (Figura 1), a fim de tornar esse ambiente mais atrativo e equipado para as crianças brincarem e passarem o tempo do internamento, para além do leito dos seus quartos. Assim, o objetivo dessa atividade foi dar suporte à continuidade da brinquedoteca, além de poder observar o impacto que um espaço equipado destinado ao brincar tem na rotina hospitalar infantil.

Figura 1 - Dia da ação na brinquedoteca. Recife, 2019.



Fonte: Autor

3. RESULTADOS

No cenário do primeiro contato com os pacientes internados, percebemos situações frequentes em internamentos pediátricos: crianças perceptivelmente tristes e familiares estressados e preocupados. O primeiro encontro com essas pessoas tende a ser um pouco mais complicado para ter abertura de conversa e troca, principalmente por causa das condições e dos sentimentos envolvidos no internamento de uma criança.

Além disso, levados pelo senso comum de que os palhaços têm o objetivo de fazer as pessoas rirem e de que “trazem felicidade” ao local, muitos pacientes evitam e ignoram esse primeiro contato com a palhaçaria, afinal, estão em uma situação estressante e com sentimentos, muitas vezes, de tristeza e preocupação. Mas, com o tempo, conseguimos mostrar o real propósito do palhaço no ambiente hospitalar, que se pauta no encontro e no acolhimento, independentemente de qual sentimento esteja prevalecendo.

Dessa forma, após a ressignificação do estereótipo do palhaço invasivo e demasiadamente feliz, foi notória uma mudança, por vezes ainda no primeiro contato, do semblante dos pacientes, dos familiares e da atmosfera do ambiente: as pessoas se sentem mais confortáveis em se abrir ao encontro com o palhaço e se distanciam, mesmo que brevemente, da realidade fria da internação (Figura 2).

Figura 2- Parte dos autores do relato em uma atuação. Recife, 2019.



Fonte: Autor

Nesses momentos, percebemos a importância e a utilidade que uma abordagem mais holística e sensível tem na comunicação com os pacientes internados. Notamos que muitos deles estão esperando falas e aproximações pré-estabelecidas e se surpreendem com uma comunicação livre e sem estereótipos, pautada na liberdade de expressão de sentimentos, sejam eles quais forem.

Com o passar dos encontros, vimos o desenvolvimento de uma relação mais próxima com os pacientes e familiares, marcada por uma boa receptividade para os jogos propostos nas atuações.

Frases como "quando você vem de novo aqui?", "vamos brincar de novo próxima semana, né?" começam a se tornar falas frequentes dos pacientes. Os familiares, por outro lado, trazem relatos mais sensíveis, como "meu filho deu o primeiro sorriso desde a internação" ou "finalmente meu filho está brincando e fazendo algo" (Figura 3).

A partir desses relatos, sentimos, na prática, um conceito que falamos nas capacitações de palhaço: "transbordar a jarra". Essa expressão se refere à sentimentos baseados na gratidão, satisfação e prazer em ter existido uma relação de vivências com as pessoas da atuação. Assim, quando percebemos que

o que estávamos fazendo no hospital estava gerando bons *feedbacks*, ficamos bastante gratos e felizes por esses momentos.

Figura 3 - Autores do relato em uma atuação. Recife, 2019.



Fonte: Autor

Criamos, também, uma forte relação com a equipe do hospital, que comumente participava das atuações. Dessas pessoas, foi muito frequente ouvirmos relatos mais gerais sobre o impacto positivo que as atuações têm na rotina dos pacientes e do hospital como um todo.

Quando, por algum motivo, faltamos em alguma semana, foi comum escutarmos que sentiram e perceberam nossa ausência na semana seguinte.

Apesar da prevalência de momentos gratificantes, alguns desafios, que não atenderam às nossas expectativas, foram encontrados. Primeiramente, foi, de certa forma, frustrante não saber exatamente quando os pacientes iriam ter alta hospitalar, porque, como as atuações são semanais, muitas vezes havia uma troca inesperada dos pacientes internados, que impediu uma despedida ideal. Além disso, não eram todos os pacientes e familiares que tinham uma boa receptividade. Como já dito, muitos deles mudavam a concepção sobre o palhaço e se abriam à comunicação, mas muitos deles continuavam em seus espaços introspectivos e não se abriam às trocas

da atuação. Apesar de essas possibilidades serem totalmente normais e esperadas, como aprendemos nas capacitações de palhaço, geraram frustração.

Sobre a ação da brinquedoteca, percebemos dois momentos. Inicialmente foi notória a atração das crianças internadas para o lugar, no dia da ação, o que proporcionou uma atuação cercada de bons momentos. A longo prazo, observamos uma maior frequência de crianças e familiares na brinquedoteca, tanto durante as atuações seguintes, quanto nos relatos da equipe do hospital. Mais uma vez, aqui, “transbordamos a jarra” com satisfação pelo sucesso da ação, sendo observado um considerável impacto na rotina das crianças internadas quando elas dispõem de um espaço equipado para brincar e fugir momentaneamente da realidade hospitalar comum.

4. DISCUSSÃO

Ao reconhecer a complexidade do processo de adoecimento, que engloba fatores somáticos, psíquicos e sociais, o projeto se dispõe a prestar assistência em saúde de maneira holística.¹⁻² A necessidade de humanização dos ambientes hospitalares, a fim de amenizar a dor e o sofrimento, é um dos pilares das intervenções.

Um dos primeiros desafios encontrados nas atuações é a desconstrução da figura do palhaço de hospital como um mero produtor do humor. A palhaçoterapia entende o riso apenas como um dos possíveis resultados da interação humana, bem como o choro, o espanto, a curiosidade, entre tantos outros sentimentos válidos. O princípio norteador das ações deve sempre ser o cuidado e a compreensão da necessidade de cada

indivíduo naquele momento. Em diversas ocasiões, as atuações, para além das brincadeiras, se transformaram em momentos de escuta e desabafo das dores de uma família imersa em um processo de adoecimento. O acolhimento é parte essencial da intervenção.²

O brincar, para além de uma atividade inerente à infância e ao ser humano, é um caminho terapêutico, na medida em que facilita o crescimento, estimula o desenvolvimento de sociabilidade e se traduz, também, como uma forma de comunicação.⁴

Os jogos e brincadeiras foram muito bem recebidos pela maior parte das crianças, respeitando as suas capacidades de acordo com a faixa etária ou condições associadas à enfermidade, como a mobilidade. Através da palhaçaria, foi possível criar uma conexão individualizada desde os recém-nascidos até os adolescentes mais velhos que se internaram no local. E, ao compreender que o adoecer, especialmente o pediátrico, é uma condição que envolve não somente o enfermo, como também a sua família, foi possível, em diversas ocasiões, resgatar o “eu brincante” de muitos cuidadores, contribuindo para a manutenção do estado de bem-estar psicossocial.^{3,5}

A regularidade das atuações permitiu uma avaliação evolutiva de como os pacientes pediátricos internados e seus familiares se tornavam a cada semana mais receptivos e empolgados com a presença dos palhaços. As crianças, com a progressão do tratamento, se tornavam cada vez mais aptas às brincadeiras, o que, por sua vez, lhes ajudava, bem como à sua família, a ressignificar o momento de dor.

Para além das atuações, a intervenção feita no serviço através da doação de brinquedos para ampliar o acervo da

brinquedoteca foi muito bem recebida e agradecida, não somente por parte das crianças, mas também dos servidores do hospital. Ao longo das semanas, a relação da equipe de profissionais com os palhaços também se estreitou, contribuindo para uma melhor integração com as crianças e familiares e para um apoio emocional àqueles que estão imersos todos os dias em um ambiente tão estressante.

Dessa forma, além de um projeto de extensão para os usuários do sistema de saúde, a palhaçaria se mostrou capaz de conectar todos aqueles inseridos ao seu redor, contribuindo para a manutenção das relações interpessoais dentro de um ambiente de sentimentos tão complexos.

A palhaçoterapia, portanto, contribui com a construção de uma relação de cuidado construída de maneira transversal, de forma que o cuidador e aquele que é cuidado, bem como o palhaço, se inserem em um contexto de troca e de fortalecimento mútuo para enfrentamento das adversidades. Para os extensionistas, a clareza dessa relação fica evidente não somente após cada atuação, mas no decorrer do curso médico, visto que habilidades como humanização e empatia são trabalhadas durante todas as etapas do projeto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente hospitalar é, certamente, um dos mais desafiadores para todos aqueles que nele estão inseridos. Para os pacientes e os familiares, a dor da enfermidade e a preocupação são sentimentos frequentes. Para a equipe, a cobrança e o envolvimento com os casos

podem ser, também, uma fonte de estresse e angústia.

Nesse contexto, se insere a figura do palhaço, o bobo, quem através do resgate do “eu brincante”, estimula e promove a ressignificação do momento por aqueles que cruzam o seu caminho.

Ao compreender a saúde como um estado de bem-estar físico, social e emocional, a palhaçaria nos hospitais se insere como uma terapia adjuvante às práticas médicas através do suporte psicológico e incentivo à humanização da saúde. Dessa forma, esse relato evidencia a possibilidade de um novo olhar sobre o internamento, baseado numa comunicação mais empática, humanizada, holística e, não menos importante, brincante.

REFERÊNCIAS

1. OLIVEIRA, W. F. O núcleo de humanização, arte e saúde: uma experiência coletiva de produção social de saúde. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v. 8, n. 18, p. 214-230, 2016.
2. RODRIGUES, A. F. A.; NUNES FILHO, W. J. A utilização do palhaço no ambiente hospitalar. **Ouvirouver**, Uberlândia, v. 9, n.1, p.72-81, jan./jun. 2013.
3. BARKMANN, C. *et al.* Clowning as a supportive measure in paediatrics - a survey of clowns, parents and nursing staff. **BMC Pediatrics**, London, v.13, n.1, p. 166-76, 2013.
4. WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. São Paulo: Ubu, 2019.
5. NOGUEIRA, W. **Doutores da Alegria: o lado invisível da vida**. São Paulo: Mixer, 2005.